

Os Stuarts e a Maçonaria: O Episódio Final

Tradução J. Filardo

Pierre Mollier



A ligação entre os Stuarts e a Maçonaria continua a ser um dos elementos-chave no imaginário maçônico do século XVIII. Muitos rituais ou documentos de correspondência explicam que, desde tempos imemoriais, os Stuarts eram os protetores e líderes secretos da Ordem. Alguns até acrescentam que as Lojas tinham um objetivo oculto de restabelecer a infeliz dinastia escocesa ao seu lugar legítimo no trono. Talvez não haja fumaça sem fogo, mas os historiadores de hoje ainda não podem encontrar testemunhos documentados sobre o real envolvimento dos "pretendentes" na maçonaria. Elementos raros surgem, como a existência atestada de uma Loja "Jacobita" em Roma na comitiva de Jaime III da Inglaterra, ou a de algumas Lojas manifestamente Stuartistas identificadas em Paris na década de 1730 por Pierre Chevallier. No entanto, inversamente, todas

as patentes ou cartas supostamente concedidas, assinadas ou promulgadas pelos Stuarts provaram ser falsas. Antes de aprofundar o assunto, é útil refazer a história da lenda.

Desde 1653, a Loja de Perth exibiu um pergaminho afirmando que Jaime VI da Escócia foi recebido como Aprendiz em 15 de abril de 1601. A partir de 1737, houve rumores entre os maçons parisienses sobre a existência de uma Loja durante o exílio (a partir de 1688) em Saint-Germain-en-Laye. Em 1749, o ritual da Sublime Ordem dos Cavaleiros Eleitos afirmava que os Templários perseguidos foram acolhidos e protegidos pelos Reis Stuart na Escócia, onde se escondiam em Lojas Maçônicas. A lenda prosperou ainda mais graças à forte dimensão romântica que ganhou com a personalidade, saga e destino trágico de Bonnie Prince Charlie – Charles Edward Stuart, conhecido como o "jovem pretendente" (1720-1788). Gostaria de aproveitar esta oportunidade para relatar um episódio posterior, mas muito real, em que o último Stuart se envolveu na Maçonaria¹ para (finalmente!) assumir o papel de Grão-Mestre secreto que todos lhe creditavam.

I. 1777: "Sucessor dos meus antepassados na maçonaria"

Provavelmente a partir da década de 1740, e certamente em 1749, a Sublime Ordem dos Cavaleiros Eleitos afirmou que a maçonaria moderna veio dos templários que escaparam da perseguição nas mãos de Philippe le Bel (Filipe IV de França) e se refugiaram na Escócia sob a proteção dos reis Stuart. Os três ingredientes desta "lenda templária" (a Ordem do Templo, a Escócia e os Stuarts) são vistos em muitos dos Altos Graus de Cavalaria, que se expandiram a partir de 1750. Dado o dinamismo das Lojas no século XVIII, inclusive na alta aristocracia das cortes europeias, a questão de suas reais ligações com a Maçonaria foi necessariamente colocada aos próprios Stuarts por alguns de seus eminentes interlocutores. Em seu encontro com o Barão de Waechter, Charles Edward confirmou que discutiu a maçonaria com seu pai "em várias ocasiões".

¹ Minha atenção foi trazida para este assunto por uma nota de meu amigo Pierre Noël em "Réaction à la conférence 'Un rituel inédit de langue française, daté de 1758,'" *Acta Macionica* 11 (2001): 359-360. Noël aponta e se refere à obra publicada que contém alguns dos documentos relativos às declarações de Carlos Eduardo sobre a maçonaria durante seu exílio em Florença: Péricles Maruzzi, *La Stretta Osservanza Templare e il Regime Scozzese Retificado na Itália no século XVIII* (Roma: Atanor, 1990). EPJSTDT

Seja calculadamente (segundo as acusações dos críticos modernos) ou de boa-fé como acredito, o Barão von Hund, "*Eques ab Ense i.o.*", preservou essa genealogia templária e stuartista quando começou a desenvolver a "Estrita Observância Templária" na Alemanha a partir de 1750. Ele afirmava ter sido recebido em Paris na década de 1740, na restaurada Ordem do Templo, dentro de uma Loja que reunia membros ingleses e escoceses da comitiva de Charles Edward Stuart, o "jovem pretendente". Ele foi levado a acreditar que Charles Edward era o Grão-Mestre secreto dos maçons, sob o nome de "*Eques a Sole Aureo*". A Maçonaria que escondia a continuação secreta da Ordem do Templo era, na realidade, liderada por "Superiores Desconhecidos". Foi-lhe finalmente confiada a restauração da "Sétima Província" da Ordem do Templo, entre o Elba e o Oder. A partir de 1770, a Ordem tornou-se cada vez mais bem-sucedida. No entanto, ao mesmo tempo, seu fundador gradualmente perdeu sua influência, enquanto a de dignitários de uma posição social mais alta aumentou. Assim, após sua morte em 28 de outubro de 1776, a liderança da Ordem caiu nas mãos de dois príncipes rivais:

Ferdinand, Duque de Brunswick-Lüneburg, "*Eques a Victoria i.o.*", e Carlos, Duque da Sudermania, "*Eques a Sole Vivificante i.o.*" e irmão do rei Gustavo III da Suécia, ele próprio "*Eques a Corona Vindicata i.o.*" Foram figuras significativas na Europa durante as décadas de 1770 e 1780, o que ajuda a explicar os três eventos que vou contar.

A questão incômoda das origens da Ordem e as explicações um tanto confusas de seu fundador, o Barão von Hund, perturbaram e dividiram vários Conventos² da Estrita Observância. Em 1777, pouco depois de se tornar Magnus Magister Ordinis, Ferdinand de Brunswick enviou um maçom muito ativo, o Barão de Waechter – *Eques a Ceraso* – ao "jovem pretendente" (que na verdade já não era jovem), para (finalmente!) interrogá-lo "oficialmente" sobre as verdadeiras conexões entre os Stuarts e a Maçonaria.

O fato de Charles Edward³ ter participado com boa graça foi claramente devido à posição eminente do duque que enviou Waechter, mas também, sem

² Conventos eram congressos ou convenções das obediências maçônicas realizados periodicamente.

³ Sobre a vida de Charles Edward Stuart, é útil consultar *Les derniers Stuarts 1660-1807* (Paris: Fayard, 2006), de Michel Duchein, particularmente o capítulo 13, "La Fin des Stuarts 1744-1807", sobre o final dos Stuarts. Também é

dúvida, porque ele estava em uma situação muito difícil na época. Os dias em que a Europa era apaixonada pela causa stuartista – quando tinham grande apoio das monarquias continentais e quando as façanhas de 1745 estavam frescas na mente de todos – já tinham passado há muito tempo. Naquele ano, Bonnie Prince Charlie (que tinha apenas vinte e cinco anos de idade) havia chegado à Escócia e por pouco não recuperou seu trono com o apoio de seus Highlanders. Esta saga tinha mantido toda a Europa eletrizada. Trinta anos depois, todos haviam parado de acreditar que os Stuarts retornariam, e os principais estados haviam finalmente normalizado suas relações com a Inglaterra hanoveriana. Aos cinquenta e sete anos de idade, Charles Edward era um homem quebrado por fracassos políticos e pessoais e diminuído pelo álcool. Era tudo o que ele podia fazer para acolher as pessoas eminentes que se interessavam por ele, mesmo que o fizessem por razões incomuns.

Waechter era advogado, e deixou um relato preciso de seu encontro com Charles Edward, que na época estava escondido (sem realmente enganar ninguém) atrás do título de Conde de Albany. O texto⁴ é fascinante, e gostaria de oferecer aos leitores uma reprodução completa deste relato muito animado:

O Conselheiro Privado da Legação de Waechter para o Duque de Saxe-Gota, tendo sido deputado nas lojas unidas da Alemanha e dos Estados Vizinhos, perguntou ao Conde de Albany se lhe tinha sido dito pelo seu falecido Pai que a Dignidade de Grão-Mestre dos Maçons tinha sido hereditária na ilustre Casa dos Stuarts desde o Rei Carlos II da Grã-Bretanha, se recebera, consequentemente, os Papéis e Documentos relacionados, se desejava transmiti-los às Lojas unidas, legitimando-se assim como Grão-Mestre e Líder, sendo reconhecido pelos que estão neste eminente Encargo aos seus benefícios recíprocos;

O referido Conselheiro Privado das Legações de Waechter solicitou que o Conde lhe dissesse o dia e a hora em que ele poderia ter a honra de discutir com ele o importante assunto de sua Comissão; o Conde assim o fez, dando-lhe este dia, e dispensou a sua Comissão, informando o Conde das intenções

útil a biografia de referência publicada por Frank McLynn, *Charles Edward Stuart: A Tragedy in Many Acts* (Londres: Routledge, 1988).

⁴ Transcrito e publicado em Maruzzi, *La Stretta Osservanza Templare*, pp. 96–98.

das Lojas unidas, e solicitando-lhe que respondesse honestamente, como se poderia esperar de um homem de probidade universalmente reconhecida, e confiando em sua honra quanto ao silêncio absoluto que a importância do caso exigia de ambas as partes.

O Conde teve a gentileza de responder a esta proposta dizendo que não tinha sido informado de nada que pudesse estar relacionado com a Maçonaria, que, dado que vários homens ilustres de sua Casa tinham sido maçons, ele havia indicado várias vezes a seu falecido Pai seu desejo de se tornar um, mas que seu pai sempre se opôs a isso; que seu falecido pai lhe dissera várias vezes que não era maçom, que, portanto, não lhe dera nenhum documento sobre o assunto, e que, se ele próprio o fosse, sua extrema devoção certamente o teria levado a renunciar à maçonaria após a bula do falecido Papa Bento XIV condená-la; que possuía muitos Papéis pertencentes a seu falecido Pai e guardados em Roma, mas que tinha certeza de que não poderiam conter nada de interessante, porque seu irmão lhe havia assegurado isso, depois de examiná-los.

Que seu falecido pai lhe deixara mais duas caixas cheias de papéis, mas que estas estavam seladas em St. Germain en Laye, e que ele até então não esperava nenhuma chance certa de enviá-las, embora acreditasse que a caixa que ele ainda não havia aberto não continha nada relacionado à Maçonaria. Ele declarou sua intenção de fazer isso imediatamente, e afirmou que estava muito disposto a contribuir de alguma forma para os Objetivos que as Lojas unidas pudessem ter, mas ele só era obrigado a declarar antecipadamente que não poderia gastar nada em todo este caso, e implorar que o Conselheiro Privado da Legação de Waechter concordasse com um valor com ele para comunicar reciprocamente notícias úteis.

O Conde respondeu a duas outras perguntas do Conselheiro Privado da Legação de Waechter: se um certo Lorde Sackville tinha sido ligado ao seu falecido Pai e se o Conde tivera ao seu serviço, há vários anos, um certo Giacomo Approsi? Que ele nunca tinha conhecido o primeiro, que Lord Guérit tinha sido seu último secretário, e que ele mesmo não estava em seu serviço há três anos, e que ele mesmo tomava conta de seus negócios.

O Conselheiro Privado da Legação de Waechter então pediu ao Conde que lhe desse permissão para produzir um Extrato de sua Entrevista, para fazer duas cópias dela, para deixar uma com o Conde, e usar a outra para dar-se legitimidade com os Superiores Maçônicos, o Conde deu sua permissão prontamente, também fazendo uma promessa solene de manter perfeito silêncio sobre [este] todo o caso, Ao receber o do dito Conselheiro Privado da Legação de Waechter, só dar o Relatório aos Superiores Maçônicos.

O Conde, em testemunho do exposto, colocou seu selo em uma cópia recebida do Conselheiro Privado da Legação de Waechter, também assinada e selada com sua marca.

Escrito em Florença, 21 de setembro do ano de 1777.

Nota.

Tudo isso foi escrito de próprio punho pelo Conde de Albany:

Nada no mundo poderia me lisonjear mais e eu consideraria uma honra muito grande se eu fosse reconhecido como sucessor de meus antepassados na Maçonaria

Florença, 21 de setembro de 1777

[assinado] Conde de Albany

As respostas de Charles Edward eram sinceras, mas obviamente enganosas para os adeptos das origens templárias e jacobitas da maçonaria. No entanto, a última frase deixou uma impressão mista, e essas devidas confissões não encerrariam definitivamente o debate. Ao atribuir as origens e a liderança da Ordem a "Superiores Desconhecidos", cujo mistério mascarava o significado, o Barão von Hund tinha, sem dúvida involuntariamente, inventado um conceito formidável. As negativas de Charles Edward e sua resposta desconfortável não provam de forma alguma que ele não era o Superior Desconhecido. Afinal, por definição, tais superiores não precisavam fazer tudo o que podiam para esconder seu status e missão? Além disso, como repercussão do fracasso de 1745 e seu caráter obscuro e imprevisível, a partir de 1750 e até que seu pai morresse em 1766, Charles Edward levou uma vida bastante misteriosa: sem motivo real, ele desapareceu. Tornou-se anônimo: escondido atrás de vários pseudônimos e de uma aparência pouco notável, viajou pela Europa sem que todos soubessem,

mesmo os mais próximos. Ninguém sabia onde ele estava. É claro que, de vez em quando, ele era reconhecido, mas alguns dias depois, ele desapareceria novamente e ninguém ouviria falar dele por meses, até que uma força policial o localizasse em outra cidade. Era um modo de vida surpreendente, que em combinação com seu conhecido gosto pelo segredo e dissimulação⁵ tornou crível a ideia de um "Superior Desconhecido" em uma missão secreta. Ainda assim, o contato foi mantido. Waechter escrevia-lhe regularmente para obter informações sobre vários detalhes da história dos Stuarts e seus partidários que poderiam potencialmente revelar conexões com a maçonaria.⁶ Os maçons alemães também mostraram grande interesse nos papéis de James II mantidos em Saint-Germain-en-Laye, mas Charles Edward os ignorou. Waechter chegou a enviar um emissário a Florença para tentar pegá-los. Ele foi repellido, e quando Waechter foi surpreendido por isso, Charles Edward respondeu que, como o emissário não havia se apresentado como um representante dos maçons, ele temia que fosse uma armadilha!

II. 1780: A primeira tentativa sueca

Sob a direção do Barão von Hund, a "Sétima Província" da Estrita Observância Templária tinha sido o berço para o renascimento moderno da Ordem. O desaparecimento de Hund em 1776 marcou o início de um período de intensas negociações para a sucessão de Eques ab Ense. Depois de três anos, apesar das grandes reservas por parte de Ferdinand de Brunswick, que não estava satisfeito por ver uma figura importante contrariando sua autoridade à frente da Ordem, o Duque da Sudermania foi finalmente nomeado Grão-Mestre da Sétima Província. Se ele não estava familiarizado com o "Relatório Waechter", ou se ele não acreditava nele, várias semanas depois de iniciar suas novas funções, em 11 de dezembro de 1779, ele decidiu informar Charles Edward. É verdade que, em Estocolmo, o Mestre de Cerimônias da Corte, Irmão von Plommenfeldt, acreditava firmemente na afiliação jacobita e alegou ter recebido

⁵ Como enfatizado por seu biógrafo Frank McLynn em *Charles Edward Stuart*, 533.

⁶ Elementos relatados por Frank McLynn baseados nos "Stuart Papers" mantidos em Windsor, em McLynn, *Charles Edward Stuart*, 534.

provas disso do próprio Charles Edward durante uma viagem a Florença. Em 18 de janeiro de 1780, o duque Charles escreveu a seguinte carta ao "pretendente".⁷

O primeiro dever de todo homem de honra é tentar e ser capaz, com a ajuda do altíssimo, de cumprir os Compromissos que assumiu, e tentar em seu comportamento merecer a Estima daqueles que estão acima dele e a Confiança daqueles que devem obedecê-lo, estou atualmente exercendo um desses deveres, e realizá-lo com ainda maior prazer porque, ao fazê-lo, espero poder estabelecer uma ligação estreita com um Príncipe famoso tanto por suas Virtudes quanto por seus infortúnios, a quem sempre tive infinita estima. Tendo sido eleito Líder da Sétima Província, é meu dever prestar a homenagem que devo ao meu Líder ao Grão-Mestre da nossa Santa Ordem. Pela sublime Sabedoria Teórica que me foi confiada pelo Irmão von Plommenfeldt na Ordem dos Cavaleiros conhecida como Stella immaculata & no Santuário conhecido sob o Nome de Bias, que ele trouxe de Florença, aprendi a conhecer o meu Grão-Mestre e o Grão-Mestre de toda a Ordem Sagrada, que há muito desejava conhecer; mas que ele mesmo não me recuse a Certeza de que acabo de receber de sua Pessoa, e que seja Bom o suficiente para ratificar com um Ato de sua mão, a Escolha que a Sétima Província acaba de fazer. As Leis que me foram confiadas ordenam que todos os Líderes das Províncias sejam nomeados ou aprovados pelo Grão-Mestre, e eu sou o primeiro a desejar que esta Lei seja aplicada a mim.

Muito iluminado, muito Ilustre, e muito digno Irmão, se me concederes o Teu sufrágio, permita-me relatar-te o pormenor da Província e dá-me as Vossas ordens por Consequência, olharei para Ti como Pai, considerar-me-ei um filho que, iluminado pelo Teu Conselho, terá duplo prazer em cumprir Compromissos assumidos por puro zelo pela Santa Ordem aos Pés dos seus altares e dos quais o objetivo sincero é perseverar em detrimento de tudo o mais, para alcançar uma ligação estreita com esses ternos Padres que fizeram brilhar uma centelha da verdadeira Luz nos climas do Norte. Convencidos de que os meus apelos não serão recusados e de que

⁷ Documentos de trabalho do Convento de Wilhelmsbad, Biblioteca do Grande Oriente de França, doados por Alain Bauer, AR.

não afastareis um filho que há tanto tempo procurou o Pai sem sucesso, e que espera encontrá-lo para encontrar dentro de si o objetivo e a recompensa por todas as obras. Se me for permitida essa esperança, minha Gratidão será eterna e aumentará minhas forças para que eu possa adquirir as Qualidades para merecer a Confiança que ousou pedir. Mas se meus Desejos não forem atendidos, contentar-me-ei em minha Dor com o pouco que sei, me armarei com a Paciência de Jó, e aguardarei com Resignação o momento certo em que ele Deseja olhar para mim. Terei, no entanto, cumprido o meu dever, e dentro de mim limitar-me-ei a fazer os votos ardentes que devo fazer para ganhar a Confiança do meu Superior e do meu Líder. É com estes sentimentos que me recomendo, muito iluminado, muito Ilustre, e muito digno Irmão na Vossa terna amizade, com o mais elevado Respeito, e Afeto inviolável.

Muito iluminado, muito ilustre, e muito digno Irmão,

Estocolmo, 18 de janeiro de 1780.

Seu afetuoso e dedicado Irmão

Carolus a Sole vivificante Dux Sud

A essa eloquente e longa missiva, o "Conde de Albany" deu uma resposta muito cordial – embora também tardia, curta e bastante decepcionante:

Meu eterno carinho e gratidão pela Carta muito complacente que H.R.H. gentilmente me escreveu através do Sr. Borguinstierna. O Novo Grau que ele acaba de receber não poderia ter caído em mãos melhores.

A Escuridão total em que resido a respeito dos Mistérios me impede de dizer mais alguma coisa, até que eu seja Iluminado. Peço a Sua Alteza Real que seja persuadido do meu respeito e do sincero carinho que sempre terei por Ele e sua augusta Família.

O C. de Al. 25 de setembro de 1780.

Mas, mais uma vez, essa admissão de ignorância do pretendente, por mais clara que seja, só convenceu aqueles que queriam ser convencidos. Sua estranheza em si não era suspeita? A formidável noção de Superior Desconhecido mais uma vez forneceu uma explicação para essas incômodas negações: o dever

de sigilo. Vale notar que o Duque de Sudermania cogitou essa hipótese no final de sua carta, na qual anuncia sua paciente renúncia caso seu pedido não seja atendido.

III. 1783: Uma autêntica patente maçônica jacobita

Os suecos, fervorosos crentes na filiação jacobita, fizeram uma terceira tentativa. Seria um sucesso. É possível que a aparente credulidade dos dignitários de Estocolmo também tenha escondido várias agendas políticas. Um documento autêntico do pretendente de Stuart era uma grande vantagem em relação às figuras maçônicas em sua rivalidade com Ferdinand von Brunswick. Além disso, Gustavo III tinha em mente uma reivindicação da Livônia, que na Idade Média esteve sob o domínio da Ordem Teutônica. Um título sobre a Ordem do Templo — assimilado nesta ocasião com os teutônicos — poderia fornecer um argumento adicional. O fato é que, durante uma visita à Itália, o rei da Suécia fez a peregrinação a Florença. Em dezembro de 1783,⁸ Gustavo III acompanhado de seu amigo e favorito Armfelt, cujo pai havia participado dos Quarenta e Cinco, visitou Charles Edward e teve várias discussões com ele.⁹ Ele ficou profundamente comovido com a aflição do neto de James II, que estava envelhecido, abandonado por sua jovem esposa, sem dinheiro e sem apoio. O "jovem pretendente", agora um velho ligeiramente senil que lutava para andar, contou-lhe as mesmas anedotas várias vezes. O rei da Suécia escreveu a Luís XVI e ao rei de Espanha para obter assistência para ele, e também lhe concedeu uma pensão anual de quinhentas libras de seu tesouro pessoal. Pouco depois, em Roma, arranjou com a Santa Sé, nas melhores condições, a sua separação da Condessa de Albany. Foi nessa época que, por gratidão, Charles Edward concedeu o título que tanto desejava. Mas, além dos diferentes serviços que recebeu de Gustavo III, Charles Edward ficou sobretudo impressionado com o fato de o rei

⁸ Há algumas dúvidas sobre a data exata da reunião. Claude Nordmann (ver abaixo), usa os arquivos reais suecos para datar de 21 de dezembro de 1783, mas a patente assinada por Charles Edward (da qual possuímos apenas uma cópia e não o original, possivelmente incorreta sobre este assunto: 8 para 28?) é datada de 8 de dezembro.

⁹ René Leforestier, *La Franc-Maçonnerie Occultiste et Templière aux XVIIIe et XIXe siècles*, 2 vols. Table d'Emeraude, 1987; esta segunda edição publicada por Antoine Faivre inclui adendas e um índice. O autor relata brevemente o episódio em uma nota (2:698n54). Ele indica que os arquivos diplomáticos ingleses guardam vestígios desses encontros nos relatórios enviados a Londres por Sir Horace Mann, embaixador britânico em Florença, cujo informante, ao que parece, foi o mesmo Chevalier des Tours que organizou o encontro.

⁹ Estes elementos são retirados de: Claude Nordmann, *Gustave III, un démocrate couronné* (Lille: Presses Universitaires de Lille, 1986), 219.

de uma potência europeia, pela primeira vez em tanto tempo, ter vindo vê-lo ex officio, e o tratou respeitosamente, como um igual. Isso contrastava com o Grão-Duque da Toscana, que em dez anos não se dignara a percorrer quinhentos metros para vê-lo.

Assim, pela primeira vez, a única patente maçônica jacobita autêntica é revelada:

*Nós Charles Edward*¹⁰

Pela graça de Deus Soberano Líder e Grão-Mestre Hereditário da Santa Ordem dos Cavaleiros de São João do Templo de Nosso Senhor Jesus Cristo, último Príncipe e legítimo Herdeiro da Casa Real dos Stuarts, a todos os nossos queridos e respeitáveis irmãos que lerão estas cartas patentes, Saudações.

Considerando que não temos filhos, que a vida do homem está nas mãos de Deus, sua sabedoria eterna pode prolongá-la por mais longos anos, bem como encurtá-la e terminá-la quando menos esperamos, e que pelas leis desta Santa Ordem, da qual o Governo Supremo e o Grande Domínio hereditário nos foram transmitidos pelos Reis, nossos Ancestrais e nossos Predecessores, somos obrigados a não deixar que esta Dignidade Eminente morra em nossa pessoa, que como a última da Casa Real dos Stuarts a possui; assumimos a responsabilidade de escolher e eleger um Sucessor e um Coadjutor no Grão-Mestre hereditário da Ordem, que após a nossa morte pode suceder-nos no seu governo, que após esta escolha deve permanecer sempre sob a direção de um Líder supremo, que pode ao mesmo tempo protegê-la e manter as suas leis na sua pureza.

Então, considerando que esta Dignidade deve ser sempre exercida por uma cabeça coroada, como foi conferida pelos votos unânimes de toda a Ordem ao primeiro Rei de nossa Casa que a detinha e de quem a recebemos, não só encontramos no zelo pela Ordem e nas virtudes que há muito brilham nas ações do Altíssimo, muito poderoso, e muito excelente Príncipe Gustavo III pela graça de Deus Rei da Suécia, dos godos, e dos

¹⁰ Fac-símile da cópia francesa da patente, coleção privada. Os meus mais calorosos agradecimentos ao meu querido irmão e amigo S. por me ter disponibilizado este raríssimo documento.

vândalos, Herdeiro da Noruega, Duque de Schleswig-Holstein, Stormarn e Ditmarsh, Conde de Oldenburg e de Delmenhorst, em Ordine Dicts: Equite de Corona Vindicata, todas as qualidades que podemos desejar para o bem da Ordem, mas também que este Príncipe, cuja Casa foi durante vários séculos muitas vezes aliada à nossa, foi o único da nossa família que demonstrou interesse pelo nosso infortúnio. Desejando, portanto, mostrar-lhe a nossa gratidão, isto considerado, declaramos, como declaramos agora, que se tivéssemos a infelicidade de não deixar para trás nenhum filho legítimo do sexo masculino, nomeámos, elegemos e escolhemos o mencionado GUSTAV III Rei dos Godos e Vândalos como nosso Coadjutor e Sucessor no Grão-Mestre hereditário da Santa Ordem do Templo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Ele e seus sucessores masculinos ao trono real da Suécia, nascidos de um casamento legítimo e admitidos como maçons de acordo com as leis da Ordem, com todos os direitos, prerrogativas, imunidades e poder com os quais nós e nossos predecessores exercemos essa dignidade.

Ordenamos a todos aqueles que estão sob nossa obediência, Províncias, seus líderes, Diretórios, Grão-Piores e outros oficiais, Capítulos e todos os Irmãos Cavaleiros da referida Ordem, que reconheçam, em virtude destas cartas de patente irrevogáveis, o mencionado Altíssimo, Muito Poderoso e Muito Excelente Príncipe GUSTAV III, pela graça de Deus Rei da Suécia e dos Godos e Vândalos, Herdeiro da Noruega, Duque de Schleswig-Holstein, Stormarn, e Ditmarsh, Conde de Oldenburg e de Delmenhorst, em Ordine Dictum: Equitem de Corona Vindicata, como nosso Coadjutor no Grande Domínio e após Nossa morte como Líder Soberano e Grão-Mestre hereditário da Ordem, e obedecê-lo neste papel, como exigem as leis da Ordem.

Ao nomear este Príncipe como nosso Sucessor, cumprimos o dever que nosso carinho pela Ordem/exige de nós e confirmamos esta eleição, que desejamos que seja vista como nossa suprema, definitiva e irrevogável/vontade sobre os números sagrados de Três, Quatro e Nove.

Em testemunho do que, assinamos os presentes papéis em nossa mão e os marcamos com nosso selo

Assinado em Florença, em 8 de dezembro, MDCCLXXXIII

(f)

S[ign]^{ed} \ [caracteres maçônicos] +

Charles

S[ign]^{ed} \ cavaleiro

CMisty

Secretário Geral +"

No entanto, uma testemunha ¹¹ afirma que Gustavo III ficou (justificadamente!) desapontado por não encontrar em seu interlocutor a sabedoria esotérica que Plommenfeldt havia elogiado tanto. Talvez ele tenha atribuído isso à idade de Charles Edward e à doença que tanto o enfraqueceu.

Mesmo que (ou talvez porque) tudo isso fosse secreto, a notícia viajou rápido. Em carta aos Irmãos de Estrasburgo, o Doutor Giraud, um dos dignitários italianos da Ordem, escreveu em 21 de fevereiro de 1784, apenas três meses após a entrega do precioso documento:

Trago notícias estranhas que vão te fazer rir! Antes da morte do Pretendente [?] o Rei da Suécia foi vê-lo, teve várias conferências com ele, e finalmente pediu-lhe em troca da quantia de mil louis d'or pela renúncia de seu lugar de Grão-Mestre da Ordem do T . . . , que o pretendente renunciou muito voluntariamente como você poderia imaginar; Consequentemente, deu-lhe uma patente, que a Suécia invocará.¹²

Talvez fosse "uma notícia que vai fazer rir", porque todos na Itália sabiam do estado lastimável de Charles Edward. No entanto, também é possível que o riso de Giraud e dos irmãos da Alsácia tenha sido forçado. Partidários de Ferdinand von Brunswick, eles tinham plena consciência da vantagem que o precioso pergaminho dava aos seus concorrentes. Ao saber da nomeação de Gustavo III como coadjutor, Waechter correu para Florença, contando com seu bom relacionamento com Charles Edward para defender os direitos de Ferdinand

¹¹ O Chevalier des Tours, que organizou o encontro, citado por René Leforestier em *La Franc-Maçonnerie Occultiste et Templière*, 698n54.

¹² Transcrito e publicado em Maruzzi, *La Stretta Osservanza Templare*, 99.

von Brunswick. No entanto, ele só chegou em abril de 1784, três meses após a partida de Gustavo com sua verdadeira patente jacobita em mãos!¹³ Na margem do original da carta de Giraud, o irmão de Turckheim escreveu:

*Meiningen, 15 de maio de 1784.*¹⁴

De acordo com notícias de Roma, encontradas em Gota, o rei da Suécia não só comprou os direitos proclamados ou imaginários do príncipe Stuart ao posto de grão-mestre geral da Ordem, mas o próprio rei tornou-se católico romano, e mandou o papa reabilitar a antiga O. do T., do qual os oficiais da comitiva do rei usam abertamente, diz-se, a pequena cruz vermelha em suas roupas e, portanto, a comitiva está mais uma vez trazendo a Cruz para a Grande Ordem da Suécia conhecida como os Seraphs.

Os suecos foram rápidos em informar seu novo título. Os arquivos da Província da Borgonha guardavam uma cópia do seguinte relato:

*O Grão-Mestre da Santa Ordem dos Cavaleiros de São João do Templo de Nosso Senhor Jesus Cristo nomeia seu coadjutor G. A. [isto é, Gustave Adolphe] em Ord. dictus Eques a Corona vindicata, por uma patente que ele lhe enviou quando estava em sua casa em Florença, em 8 de dezembro, 1783.*¹⁵

Esta patente é assinada Irmão Charles #.

A patente foi lida no Capítulo dos Mestres do Templo em Estocolmo em 22 de março de 1785, e o registro dessa leitura é assinado Nicolaus Bielke #.

Com a morte de C: E: [Charles Edward Stuart] esta peça foi mais uma vez exibida & aprovada, & colocada no protocolo do Capítulo dos M[asters do] T[emple] em 18 de abril de 1788.

Nele estão escritas as palavras: Defuncto C. E. in Capítulo M. T. die 18 aprilis 1788 denuo exhibitum & approbatum ut in protocollo. Nicolaus Cornes Bielke +

¹³ Elementos relatados por Frank McLynn baseados nos "Stuart Papers" mantidos em Windsor, em McLynn, *Charles Edward Stuart*, 535.

¹⁴ Transcrito e publicado em Maruzzi, *La Stretta Osservanza Templare*, 100.

¹⁵ Transcrito e publicado em Maruzzi, *La Stretta Osservanza Templare*, 100.

M.C. IX.^{ae} Prov.^{Ae}

Eques a Sole aureo succedit 1743. Moritur 31. Januar. 1788.

G... in ordine dictus Eques et Frater professus a Corona vindicata succedit 31. Januar. 1788. Agnoscitur a + [i. e. Capítulo] Can[onicorum] regul[arium] S[tockholm] 18. aprl. 1788.

Charles Edward foi novamente questionado sobre as ligações dos Stuarts com a Maçonaria em 1787. O teólogo luterano Friedrich Münter visitou-o e perguntou-lhe sobre o assunto, mas a conversa rapidamente vacilou porque Charles Edward estava muito fraco.¹⁶ Quando morreu, em 31 de janeiro de 1788, em virtude dessa autêntica patente maçônica jacobita, seu "coadjutor" Gustavo III, "Eques a Corona Vindicata", sucedeu-lhe como líder da "Ordem dos Cavaleiros de São João do Templo". Será que o Rei da Suécia, no entanto, mantém algumas ilusões sobre os poderes maçônicos de Charles Edward? É claro que é difícil dizer. No entanto, sabemos que, assim que foi informado de sua morte, enviou o conde de Fredenheim à sua filha na Itália. Ela lhe deu "um documento em latim" em 19 de julho de 1788.¹⁷

Este episódio esquecido, onde a Maçonaria encontra furtivamente os escombros da história maior, é altamente curioso. No entanto, como muitas curiosidades, longe de ser anedótica, destaca traços marcantes da psicologia humana. Ela diz, afinal, o quão poderosa uma ideia pode ser – mesmo que seja falsa. A opinião pública estava convencida de que os Stuarts eram os líderes secretos das Lojas, e eles acabaram se tornando exatamente isso, reconhecidamente em circunstâncias um tanto incomuns e, na verdade, bastante engraçadas.

Desde tempos imemoriais, a pergunta "Você é maçom?" tem sido respondida de acordo com as instruções maçônicas com as palavras "Meus irmãos com tal me reconhecem". Charles Edward tinha sido reconhecido "como tal" por muitos maçons durante o século XVIII. Quando sua vida chegou ao fim,

¹⁶ Elemento relatado por Frank McLynn em *Charles Edward Stuart*, 548, segundo Frederik Münter, *Aus den Tagebuchern Friedrich Munters wandrrund lajahre eines Danischen gelerthen*, 3 vols. (Copenhague e Leipzig: P. Haase, 1937), 2:232.

¹⁷ Nordmann, *Gustavo III*, 220.

ele acabou aceitando essa coroa que todos queriam colocar em sua cabeça. A única coroa que ele jamais teve.

Publicado na revista *Ritual, Secrecy, and Civil Society*



O livro considerado o padrão de referência em história da Maçonaria.

O primeiro livro sobre a matéria, escrito com base em evidências e informações comprovadas.

Cobre a História da Maçonaria desde seus primórdios até o estado em que se encontrava na virada do século XX, tendo sido publicada em 1904.

Para comprar, clique no link
abaixo

[Livro Físico](#)

[e-Book](#)